



A Esperança do Mundo

Fernando Nobre
médico, fundador da AMI

Este livro da autoria de Alfredo Cunha (Fotografia) e Luís Pedro Nunes (Textos) e com prefácios de dois diletos amigos, José Manuel Barata-Feyo e Adelino Gomes, ficará para a posteridade como o objeto de Arte mais perene do que foram as intervenções e preocupações da Fundação AMI nos seus primeiros 30 anos.

É também o espelho da sensibilidade e humanismo que sempre nortearam esta instituição, como também deverá ser a prova do amor humano que a AMI tentou partilhar na construção de um mundo mais fraterno, mais ético, mais equitativo, menos violento e mais harmonioso, lutando sempre com afinco e determinação contra a intolerância e a indiferença, as duas doenças mais graves da humanidade, que sempre alimentaram e alimentam, sustentaram e sustentam, os quatro cavaleiros do Apocalipse, que de novo galopam livremente em vastas regiões do nosso planeta.

Estou certo que os belíssimos testemunhos de José Manuel Barata-Feyo e Adelino Gomes, assim como as magníficas fotografias do Alfredo Cunha e os justos, sensíveis e verídicos textos do Luís Pedro Nunes, que comigo calcorream parte do nosso Planeta e com quem partilho valores, serão essenciais para que a esperança se mantenha sempre viva e agente de transformação no Mundo.

As nove fotorreportagens aqui plasmadas dão uma panorâmica esclarecedora das ações que a AMI concretizou em 77 países, incluindo Portugal, de todos os continentes, em nome da Humanidade, da fraternidade humana e também, porque não afirmá-lo, em nome do nosso País.

A eles e a todos os seres humanos, que diariamente sofrem, lutam e sonham pela construção e surgimento de uma nova Aurora da Humanidade feita de Paz e Tolerância, o meu sentido obrigado.



Entrevista a Fernando Nobre, presidente da AMI

“Acuso os decisores do Ocidente de genocídio por omissão”

Há 30 anos, quando começou a AMI, imaginava que era este o caminho que ia fazer, que a AMI chegaria a esta dimensão global, estando em tantos locais do mundo, tocando tanta gente?

Não, de certeza absoluta que não. O que me fez fundar a AMI, após a minha experiência nos Médicos Sem Fronteira, na França e na Bélgica, foi apenas a vontade de que nós portugueses, médicos e outros profissionais de saúde como eu, portugueses, pudéssemos também aventurar-nos, no sentido nobre da palavra, no terreno humanitário, porque até então eu era o único médico português a fazê-lo. Não compreendia que um povo como o nosso, que “deu mundos ao mundo” há mais de 500 anos, não estivesse envolvido nesta nova aventura da Ajuda Humanitária. Quinhentos anos passados encontrei médicos de todas as nacionalidades nas missões dos Médicos Sem Fronteira e de outras organizações, mas eu era o único português. Daí que a minha única vontade ao fundar a AMI foi de certeza, como português, pôr ao serviço dos outros o conhecimento científico que no meu ramo de atividade da Medicina tinha adquirido na Bélgica e nas diferentes especialidades que pude fazer, procurando por outro lado estimular outros portugueses, nomeadamente médicos, a ir além-fronteiras prestar um serviço humanitário em nome não só da humanidade, mas também de uma portugalidade da qual sempre tive orgulho, apesar de nunca ter vivido no nosso retângulo, já que havia nascido em Angola, depois no Congo e, a partir dos 15 anos e durante mais 20 anos, na Bélgica onde me formei.

A ideia era colocar equipas médicas no terreno?

Sem dúvida que sim. Começámos pelos países africanos de língua oficial portuguesa, os PALOP, mais concretamente na Guiné-Bissau. Passados quatro anos, a AMI já tinha equipas médicas portuguesas nos cinco países de língua oficial portuguesa em África. O primeiro objetivo estava atingido. Mas queria ir muito mais longe. A visão universalista que sempre tive foi, confesso, muitas vezes questionada. Há muitas figuras gratas do Estado português que ao longo deste tempo me criticaram no sentido do “porquê da AMI” não se concentrar exclusivamente no espaço da língua portuguesa. A essa questão respondo sempre — com base no conhecimento histórico que tenho de Portugal e do seu papel na construção de um Mundo Global — afirmando que não vejo, não via e nunca verei a razão de médicos franceses, belgas, suíços, suecos e norte-americanos estarem a trabalhar em missões humanitárias em Angola ou na Guiné-Bissau e nós, médicos portugueses, não podermos trabalhar na Papua, no Zimbabué ou no Ruanda. Daí que, passado aquele primeiro passo de levar a presença de equipas médicas portuguesas a todos os PALOP, o horizonte universal da AMI levou-nos, ao longo destes 30 anos, a 77 países de todos os continentes, pondo-nos em contacto com as mais diversas culturas e religiões existentes no mundo. Foi essa visão universalista que sempre tive de Portugal que fez com que a AMI se diferenciasse de todas as outras organizações portuguesas, mais exclusivamente ligadas ao espaço da língua portuguesa, afirmando-se como “a presença humanitária portuguesa no Mundo”.



Iraque
refugiados

Vidas suspensas

*Quem são essas hordas embuçadas a alastrar / Em plainos infindos, a tropeçar na terra ressequida
Apenas circundada pelo horizonte raso / Que cidade é essa por cima das montanhas / Que estala e se refaz e estoira no ar violeta
Torres cadentes / Jerusalém Atenas Alexandria Viena Londres / Irreais. — T. S. Elliot*

O que é que se imagina quando se pensa em 800 mil refugiados e deslocados a afluir em massa e desespero, em apenas três dias, a um pequeno território autónomo dentro de um Iraque a desintegrar-se numa guerra de barbárie? O que é um campo de tendas com 30 mil pessoas fugidas ao mais terrível movimento terrorista de que temos memória na história recente? Que imagem de caos, gritos, desespero? Faça esse exercício mental. Então como explico este silêncio, esta ordem geométrica aparentemente calculada com régua que estou a ver, esta calma que se estende até ao horizonte e termina num findo de montanha, esta falta de gente, esta aparente ausência de dramatismo, esta quase higienização sensorial?

Ao fim de vários dias a visitar campos criados em poucos dias de agosto para receber o êxodo de centenas de milhares de curdos que fugiam (Que campo é este? Já não sei... Pode escrever o nome aqui no bloco?), parei novamente para confrontar as minhas expectativas com o que ali estava a ver: filas e filas ordenadas de tendas brancas e asséticas, apenas algumas “ruas” mais ou menos enlameadas. E silêncio. Repeti a experiência em vários campos. O primeiro impacto é o frio, o frio, o frio, vento que rabeia maluco como facas invisíveis, o chilrear aqui e ali em vários pontos de crianças a brincar, o som de utensílios de cozinha (uns pratos, umas mulheres a fazer massa de pão). E frio.

Soltei uma pergunta parva.

— *Onde estão as pessoas? Não era suposto serem 60 mil neste campo?*

(Um dos diretores do campo intrigado com a pergunta.)

— *Estão dentro das tendas a abrigar-se do frio.*

Óbvio. O Curdistão reclama como seu um território dentro do Iraque com uma área do tamanho da Holanda e tem um governo que se autonomiza cada vez mais de Bagdade. O seu exército não oficial, os peshmerga, a famosa guerrilha de montanha que agora combate nas extensas planícies picotadas de poços de petróleo, foi a primeira força a parar a fúria avassaladora do *Daesh* (ISIS) quando em agosto o vendaval de terror invadiu o Iraque e a Síria, semeando morte e decapitações em vídeo HD e *slow motion*.

Com menos de milhão e meio de habitantes, recebeu mais de 800 mil refugiados. Só curdos. Deslocados do Iraque. Refugiados da Síria, da mártir Kobane. Estavam então quase 50 graus. O governo da Turquia e o Acnur da ONU, em poucos dias, montaram verdadeiras aldeias de plástico, das mesmas que agora se veem nas feiras de tragédias em Genebra. Auxílio humanitário profissional. Mas agora as temperaturas baixaram a zero e o frio reclama a vida de velhos e fracos. E o Programa Alimentar Mundial não tem dinheiro para dar de comer a tanta gente. Os dadores aborreceram-se destes.